

## **O GÊNERO SOCIAL NA CONCEPÇÃO DE ALUNOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE VOTUPORANGA-SP.: REFLEXÕES À LUZ DA LINGUÍSTICA DE CORPUS**

Renata Lopázio Vicentin<sup>1</sup>

Suziani de Oliveira Inácio Assis<sup>2</sup>

Edson Roberto Bogas Garcia<sup>3</sup>

121

### **Resumo:**

A linguagem escrita, considerada como nossa capacidade exclusiva de manifestar ideologias, é essencial no sentido de planejar a vida e de entender a importância de sua construção. A partir dela, pode-se influenciar o mundo de descobertas científicas e culturais e, por meio dela, tende-se a entendê-lo de maneira mais eficaz. Diante dessas prerrogativas, o presente projeto teve como objetivo averiguar, a partir da constituição de um *corpus* advindo de redações elaboradas por estudantes do ensino básico da rede municipal, da cidade de Votuporanga, estado de São Paulo, como esses alunos concebem o termo gênero social. Foram utilizadas, como metodologias, a pesquisa bibliográfica, com leituras de livros e artigos nas áreas de Gênero e Educação e a de campo, com a solicitação de produção textual por parte dos estudantes. Para quantificação e posterior análise de suas escritas, adotou-se o instrumental da Linguística de Corpus, por meio das ferramentas WordList e Concord do programa computacional WordSmith Tools. A primeira forneceu subsídios para apontar o conjunto de lexias mais frequentes no *corpus*. A segunda, os contextos em que elas apareceram, possibilitando realizar a análise proposta. No levantamento das prosódias positivas e negativas, verificou-se que os jovens têm consciência acerca do conceito investigado; no entanto, na maioria dos contextos analisados, observou-se que o tema continua sendo visto de maneira preconceituosa, já que a maioria das prosódias averiguadas foram negativas, legitimando as teorias que relatam as discrepâncias na luta de gênero no Brasil.

**Palavras-chave:** gênero; léxico; Linguística de Corpus.

### **Abstract:**

Written language, considered as our unique ability to manifest ideologies, is essential in the sense of planning life and understanding the importance of its construction. From it, one can influence the world of scientific and cultural discoveries and, through it, tends to understand it more effectively. In view of these prerogatives, this project had the objective of ascertaining, from the constitution of a corpus derived from essays written by students of the basic education of the city of Votuporanga, state of São Paulo, as these students conceive the term social gender. Bibliographic research was

<sup>1</sup> Centro Universitário de Votuporanga (Unifev). Votuporanga, São Paulo, Brasil. Licenciatura em Letras e Pedagogia. Email: renata.lv@terra.com.br

<sup>2</sup> Centro Universitário de Votuporanga (Unifev). Votuporanga, São Paulo, Brasil. Licenciatura em Pedagogia. Email: s.oliveirainacioassim@gmail.com.

<sup>3</sup> Centro Centro Universitário de Votuporanga (Unifev). Votuporanga, São Paulo, Brasil. Docente do curso de Letras e Publicidade e Propaganda. Email: edsonbog@terra.com.br

used as methodologies, with readings of books and articles in the areas of Gender and Education and the field, with the request of textual production by the students. For quantification and later analysis of his writings, the instrument of the Linguistic of Corpus was adopted, through the tools WordList and Concord of the computer program WordSmith Tools. The first one provided subsidies to point out the most frequent set of lexis in the corpus. The second, the contexts in which they appeared, making it possible to carry out the proposed analysis. In the survey of positive and negative prosodies, it was verified that young people are aware of the concept investigated; however, in most of the analyzed contexts, it was observed that the topic continues to be viewed in a biased way, since most of the probed prosodies were negative, legitimating the theories that report the discrepancies in the gender struggle in Brazil.

**Keywords:** gender; lexicon; Linguistics of Corpus.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo teve como objetivo averiguar, a partir da constituição de um *corpus* advindo de redações elaboradas por estudantes do ensino básico da rede municipal, da cidade de Votuporanga, estado de São Paulo, como esses alunos concebem o termo gênero social. Para tanto, teve-se como meta discorrer sobre os aspectos que envolvem as diferenças acerca dos gêneros sociais.

A partir de estudos teóricos sobre o assunto, pretendeu-se, ao final, perceber, historicamente, as relações advindas dos papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade, bem como a percepção que, em épocas atuais, os indivíduos têm no sentido de estabelecer pré-conceitos sobre o tema.

## 1 RELAÇÕES DE GÊNERO

As diferentes perspectivas na relação entre homens provocam distintas concepções. De um lado, estão aqueles/as que justificam as desigualdades sociais entre homens e mulheres, remetendo-as, geralmente, às características biológicas. O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e de que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem "científica", a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — e justificar — a desigualdade social. De outro, pesquisadores que tentam demonstrar que não são propriamente as características

sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.

Nessa dimensão, os trabalhos desenvolvidos sobre o gênero, como categoria de análise, trouxeram uma contribuição significativa para o conhecimento humano, pois começou a considerar que a ênfase não deveria ser mais aplicada ao determinismo biológico, mas à importância da perspectiva de relação entre os sexos, destacando o caráter social e cultural das diferenciações presentes na divisão sexual. Korin (2001) acrescenta que a questão da definição de gênero é influenciada por vários motivos, tais como raça, etnia, classe social, preferência sexual, momentos históricos e a qual região se pertence.

Dessa forma, o que parece é que os postulados dos estudos de gênero estabelecem que a diferença entre homens e mulheres marca uma bipartição por signos culturais que articulam uma diversidade que não atravessa, necessariamente, o campo da diferença anatômica, mas incide no modo como cada ser estabelecerá sua permanência em um ou outro gênero (BLEICHMAR, 2009, p. 95).

O ato de escolher ser homem ou mulher é algo difícil se considerarmos que a divisão de sexos é sempre “simultaneamente natural e cultural, real e simbólica, biológica e psíquica. Para cada existência singular ela permite que se esbocem figuras complexas e contradições. No entanto, não se pode sair da dicotomia primeira e das dualidades que ela engendra” (AGACINSKI, 1999, p. 24). Por fim, existe uma tendência em considerar que “a associação Homem-masculino e Mulher-feminino, entretanto, se faz, quase diretamente, por questões biológicas e culturais, compondo o imaginário coletivo” (GHILARDI-LUCENA, 2008, p. 20).

Considera-se, dessa forma, que nem os homens e nem as mulheres são homogêneos, mas socialmente construídos e construtores. Por isso, o que os estudiosos estabelecem são algumas diferenças que acreditam ser evidentes em suas pesquisas para traçar um tipo de comportamento mais generalizado desses vários tipos de masculinidades e feminilidades.

Sendo assim, o papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. Esse papel começa a ser constituído desde que o(a) bebê está na barriga da mãe. Depois que nasce, a primeira coisa que se identifica é o sexo: “menina ou menino” e, a partir desse momento, começará a receber mensagens sobre o que a sociedade espera dessa menina ou menino. Ou seja, por ter genitais femininos ou masculinos, eles são ensinados pelo pai, mãe, família, escola, mídia, sociedade em geral, diferentes modos de pensar, de sentir, de atuar.

Carlotto (2001, p. 202) considera que: “Cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia”. Portanto, nenhum indivíduo se constrói enquanto pessoa por meio da consciência/individualismo e sim, por meio das dinâmicas das relações sociais que estes se constroem enquanto tal.

## **2 GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA EDUCAÇÃO: DIAGNÓSTICO**

No Brasil, as pesquisas que enfocam com profundidade o impacto da discriminação de gênero e por orientação sexual na educação, embora não sejam numerosas, têm alcançado um alto grau de qualidade e respeitabilidade internacional e fornecem diagnósticos que apontam a escola brasileira como um importante espaço de reprodução de modelos particularmente autoritários, preconceituosos e discriminatórios em relação a mulheres e homossexuais, entre outros grupos.

Nesse sentido, os indivíduos que, por alguma razão, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na sequência sexo/gênero/sexualidade são vistos como minoria e são postos à margem das preocupações de um currículo ou de uma educação considerada para a maioria.

Paradoxalmente, esses sujeitos marginalizados continuam necessários, pois servem para circunscrever os contornos daqueles que são normais e que, de fato, se constituem nos sujeitos que importam (LOURO, 2004). Ainda segundo a autora, isso acontece, pois a escola brasileira foi historicamente concebida e organizada, de acordo com padrões da heteronormatividade, valorizando e edificando como padrão um único componente: o adulto, masculino, branco, heterossexual.

Brito (2004), por sua vez, constata que meninos de uma escola pública com comportamentos expressivos de certo tipo de masculinidade contrária às normas escolares tendiam ao insucesso escolar. Não se pode esquecer, ademais, que meninos e meninas que exprimam modelos de masculinidades ou de feminilidades muito destoantes do modelo hegemônico também serão alvos de discriminação e violência.

Esse conjunto de informações está disponível há anos, mas quase não chega a cursos de formação de formadores/as e a formuladores/as de políticas públicas educacionais. São imprescindíveis políticas voltadas para reverter processos de discriminação contra meninos e meninas em suas trajetórias escolares, que abranjam ingresso, permanência e desempenho em todos os níveis de ensino (BRASIL, 2007).

Não por acaso, cresce, entre profissionais da educação, o reconhecimento da necessidade de se adotarem medidas que transformem a escola brasileira em uma instituição à altura dos desafios postos por essas transformações e, por conseguinte, em um ambiente seguro e efetivamente educativo para todas as pessoas que nele circulam, convivem e interagem, independentemente de gênero, orientação sexual, cor, raça, etnia, religião, origem, idade, condição física ou mental etc. (CANEN, 2001; CANEN e XAVIER, 2005).

De acordo com esses estudos, “os temas gênero, identidade de gênero e orientação sexual devem ser considerados pela política educacional como uma questão de direitos humanos, repercute nas estratégias escolhidas e no desenho das ações”. Reconhece-se, assim, “a legitimidade de múltiplas e dinâmicas formas de expressão de identidades, práticas sociais e formas de saber até agora estigmatizadas em função da lógica heteronormativa” (BRASIL, 2007).

### **3 METODOLOGIA DO TRABALHO**

Nesta pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética sob número CAAE 65185817.2.0000.0078, a metodologia empregada baseou-se em dois procedimentos:

a) a pesquisa bibliográfica, com leituras de livros e artigos nas áreas de Gênero e Educação;

b) a de campo, com solicitação de produção textual por parte dos alunos da instituição. Para quantificação e posterior análise dessas produções textuais dos alunos, adotou-se o instrumental da Linguística de Corpus, que privilegia dados linguísticos autênticos, extraídos de *corpora*, tem ainda um caráter empírico, probabilístico e predominantemente indutivo (BERBER SARDINHA, 2004).

### **3.1 A constituição do *corpus*.**

Oportuno abrir esta seção para pormenorizar a seleção do *corpus*. Em um primeiro momento, foi solicitado aos alunos, com o apoio e instruções dos docentes responsáveis pela disciplina de Língua Portuguesa da instituição, em sala de aula, de acordo com um roteiro pré-estabelecido pelos pesquisadores, que elaborassem as redações. Obteve-se, nesse processo, a devolução de 46 delas.

Em seguida, procedeu-se à seleção desses textos, recebidos com alterações somente gramaticais, realizadas pelos professores de Língua Portuguesa da escola em questão, a sua compilação e formatação em programa computacional e, por fim, à análise dos dados.

## **4 ANÁLISES**

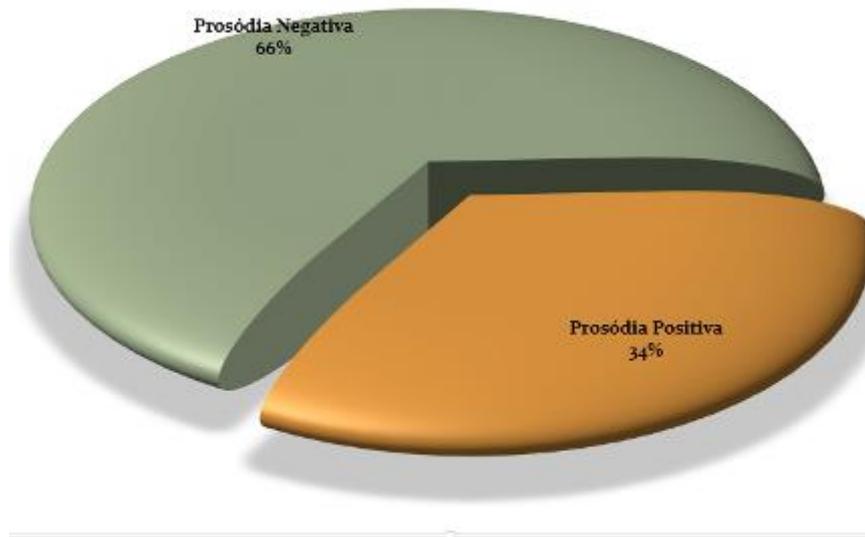
### **4.1 As lexias mais frequentes e a questão das prosódias.**

Berber Sardinha (2004) define a prosódia semântica como a associação entre itens lexicais e conotação (negativa, positiva ou neutra) de campos semânticos. Tomou-se como base Partington (1998), o qual diz que a prosódia semântica possibilita o entendimento do sentido que o emissor de um texto quer dar ao assunto que foi tratado. Também favorece compreender a intenção ou a tomada de posição de um autor em relação ao tema redigido.

Tendo em vista essas considerações, por conseguinte, para uma metodologia homogênea, a seguir, foram feitas as análises prosódicas das lexias que se consideraram mais frequentes na investigação:

Principia-se com a lexia “dia”, que ocorreu 65 vezes no *corpus* das redações. Com relação às prosódias positivas e negativas, foram observadas as seguintes ocorrências:

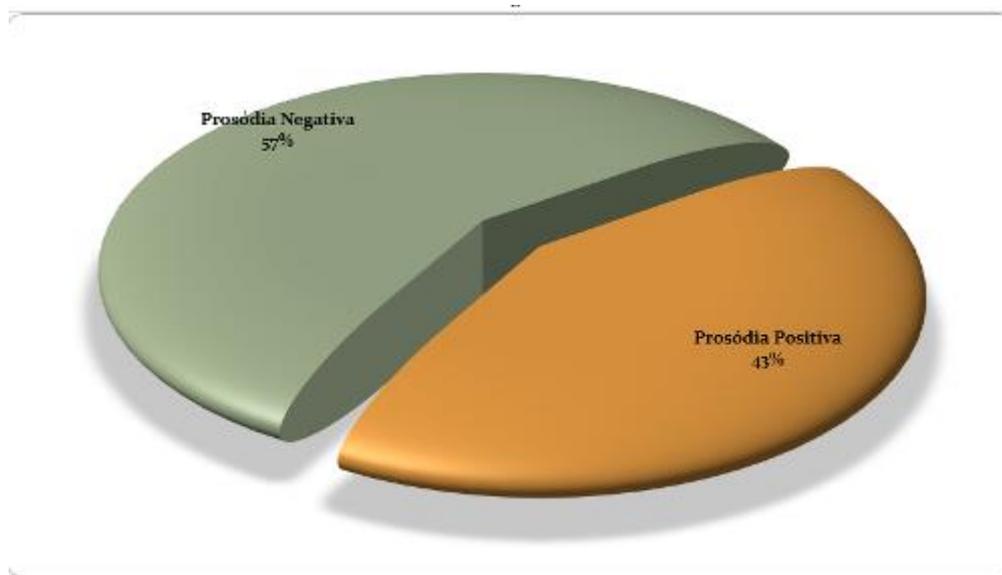
**Gráfico 1:** Porcentagem de prosódias referentes à lexia “dia”



**Fonte:** dados dos autores, 2020.

A lexia “mãe” ocorreu 65 vezes no *corpus* das redações. Com relação às prosódias positivas e negativas, foram observadas as seguintes ocorrências:

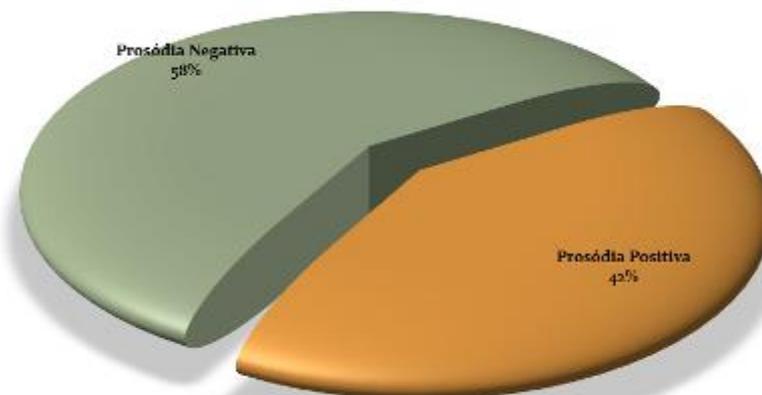
**Gráfico 2:** Porcentagem de prosódias referentes à lexia “mãe”



**Fonte:** dados dos autores, 2020.

A lexia “menino” ocorreu 58 vezes no *corpus* das redações. Com relação às prosódias positivas e negativas, foram observadas as seguintes ocorrências:

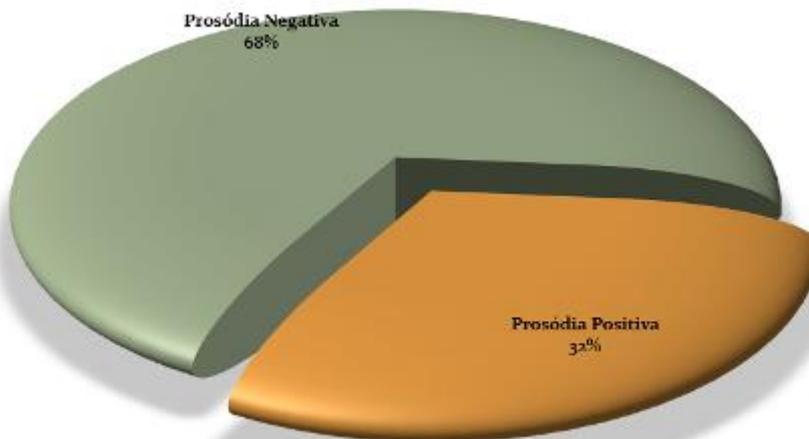
**Gráfico 3:** Porcentagem de prosódias referentes à lexia “menino”



**Fonte:** dados dos autores, 2020.

A lexia “casa” ocorreu 54 vezes no *corpus* das redações. Com relação às prosódias positivas e negativas, foram observadas as seguintes ocorrências:

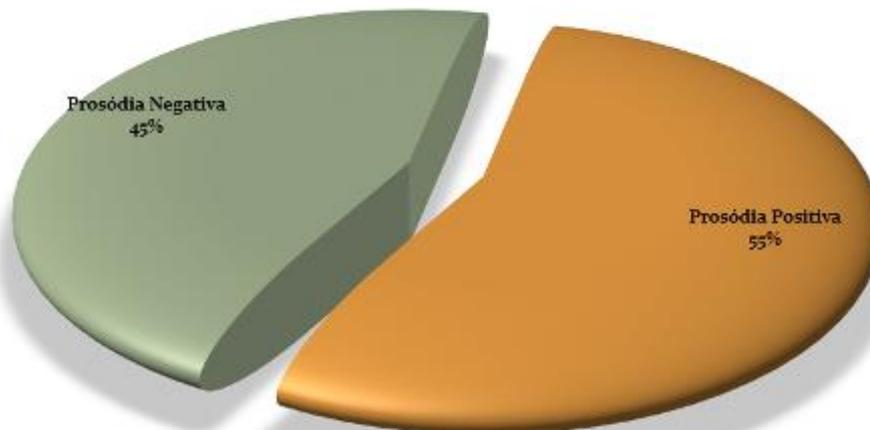
**Gráfico 4:** Porcentagem de prosódias referentes à lexia “casa”



**Fonte:** dados dos autores, 2020.

A lexia “menina” ocorreu 50 vezes no *corpus* das redações. Com relação às prosódias positivas e negativas, foram observadas as seguintes ocorrências:

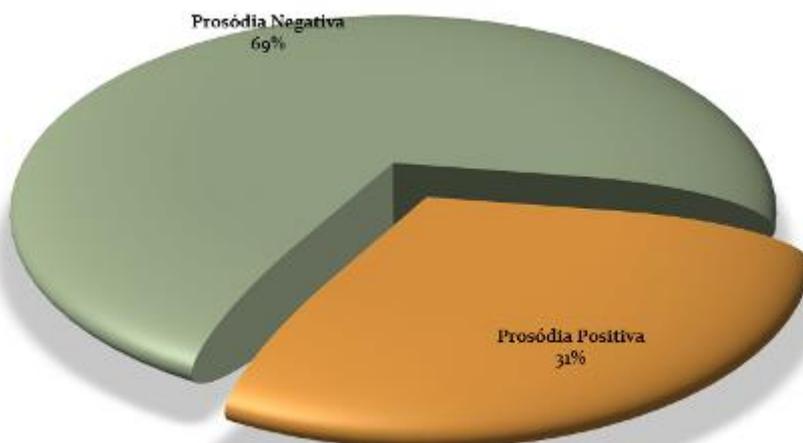
**Gráfico 5:** Porcentagem de prosódias referentes à lexia “menina”



**Fonte:** dados dos autores, 2020.

A lexia “boneca” ocorreu 38 vezes no *corpus* das redações. Com relação às prosódias positivas e negativas, foram observadas as seguintes ocorrências:

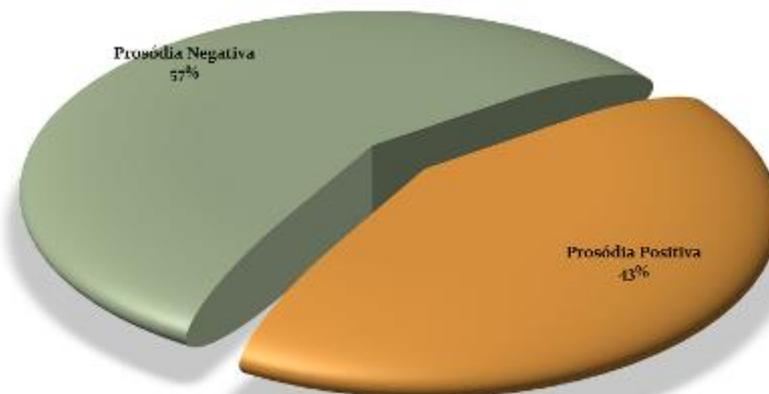
**Gráfico 6:** Porcentagem de prosódias referentes à lexia “boneca”



**Fonte:** dados dos autores, 2020.

A lexia “carrinho” ocorreu 38 vezes no *corpus* das redações. Com relação às prosódias positivas e negativas, foram observadas as seguintes ocorrências:

**Gráfico 7:** Porcentagem de prosódias referentes à lexia “carrinho”



**Fonte:** dados dos autores, 2020.

A lexia “brinquedos” ocorreu 35 vezes no *corpus* das redações. Com relação às prosódias positivas e negativas, foram observadas as seguintes ocorrências:

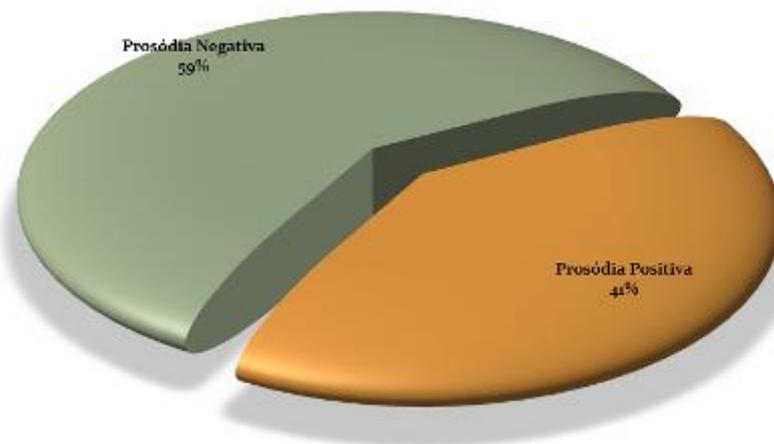
**Gráfico 8** Porcentagem de prosódias referentes à lexia “brinquedos”



**Fonte:** dados dos autores, 2020.

A lexia “filhos” apareceu 28 vezes no *corpus* das redações. Com relação às prosódias positivas e negativas, foram observadas as seguintes ocorrências:

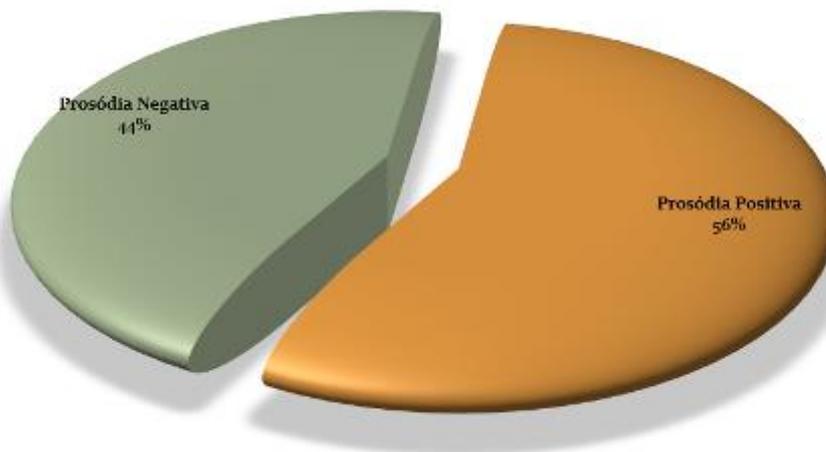
**Gráfico 9:** Porcentagem de prosódias referentes à lexia “filhos”



**Fonte:** dados dos autores, 2020.

A lexia “João” 26 vezes no *corpus* das redações. Com relação às prosódias positivas e negativas, foram observadas as seguintes ocorrências:

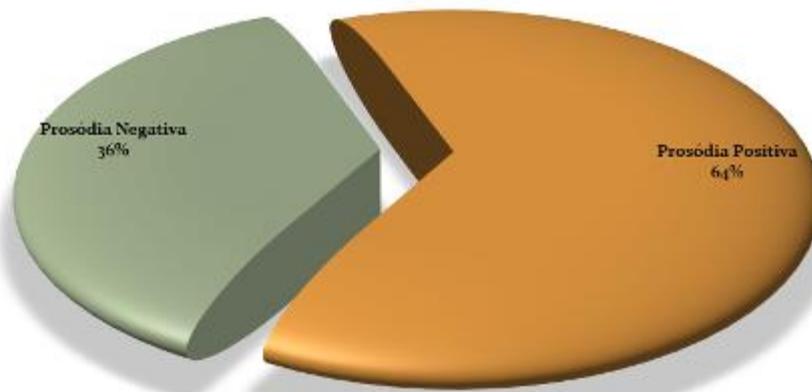
**Gráfico 10:** Porcentagem de prosódias referentes à lexia “João”



**Fonte:** dados dos autores, 2020.

A lexia “Maria” apareceu 25 vezes no *corpus* das redações. Com relação às prosódias positivas e negativas, foram observadas as seguintes ocorrências:

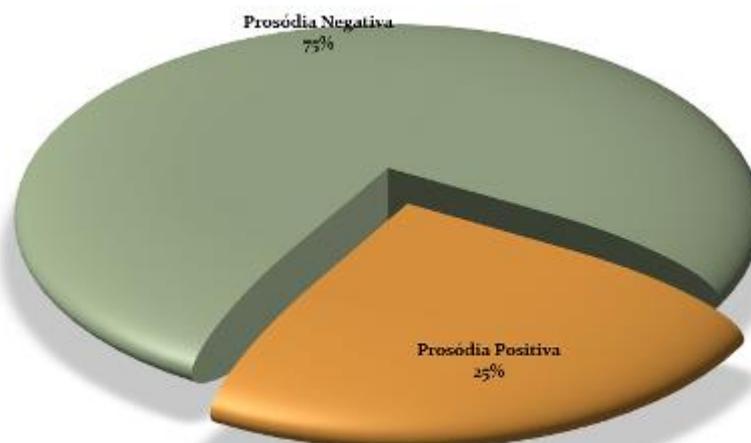
**Gráfico 11:** Porcentagem de prosódias referentes à lexia “Maria”



**Fonte:** dados dos autores, 2020.

A lexia “amiga” ocorreu 24 vezes no *corpus* das redações. Com relação às prosódias positivas e negativas, foram observadas as seguintes ocorrências:

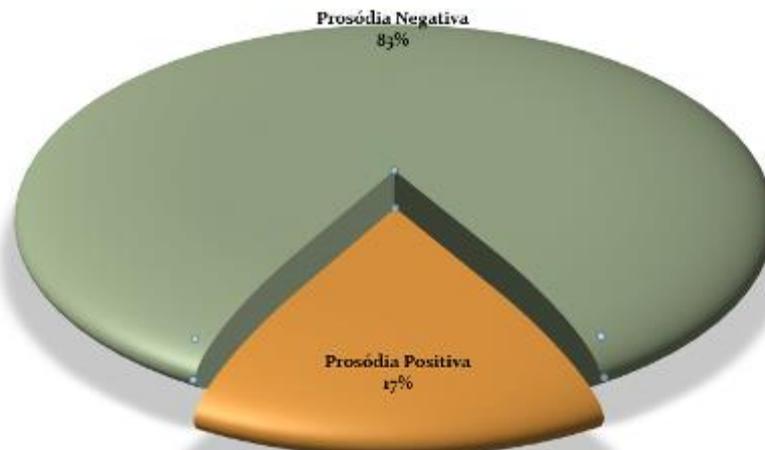
**Gráfico 12:** Porcentagem de prosódias referentes à lexia “amiga”



**Fonte:** dados dos autores, 2020.

A lexia “escola” ocorreu 22 vezes no *corpus* das redações. Com relação às prosódias positivas e negativas, foram observadas as seguintes ocorrências:

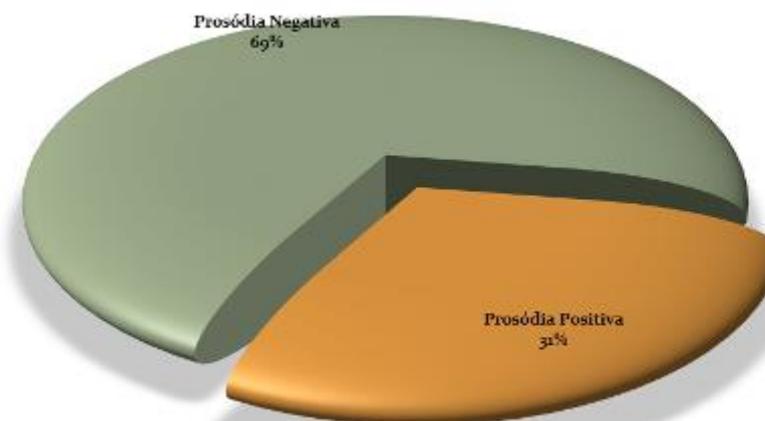
**Gráfico 13:** Porcentagem de prosódias referentes à lexia “escola”



**Fonte:** dados dos autores, 2020.

Abaixo, dispõe-se o gráfico referente a todas as 13 palavras analisadas no *corpus* das redações. Com relação às prosódias positivas e negativas, foram observadas as seguintes ocorrências:

**Gráfico 14:** Porcentagem geral de prosódias



**Fonte:** dados dos autores, 2020.

## 4.2 Análise dos resultados

De antemão, faz-se necessário esclarecer que, para se chegar aos resultados obtidos no estudo das lexias, foram realizadas produções escritas pelos alunos do sétimo, oitavo e nono anos de uma escola municipal de Votuporanga. Para redigi-las, tomaram como base excertos sobre o termo “Gênero”, confeccionados e entregues aos professores responsáveis pela disciplina de Língua Portuguesa do estabelecimento de ensino citado.

De posse deles, esses docentes realizaram uma aula para esclarecer a seus estudantes sobre a atividade. Assim que o material foi entregue aos pesquisadores, foi digitalizado e processado pelo programa Worsmith Tools, da Linguística de Corpus, para análise das lexias.

O foco da pesquisa se baseou em saber sobre a concepção que esses alunos teriam da questão cultural relacionada ao gênero social. Quando apresentados às propostas de produção, notou-se que associaram a lexia “gênero” à questão sexual.

A partir da análise do conteúdo, pôde-se notar que os alunos dissertaram com destreza acerca desses preceitos ligados ao sexo, mas demonstraram uma visão negativa da questão a partir de uma visão cultural de igualdade entre homens e mulheres.

No conjunto de lexias analisadas, observou-se que as prosódias negativas se sobressaíram, num percentual de 69%, em detrimento das positivas: 31%. Isso evidenciou o quanto os discentes ainda carregam de marcas de uma sociedade ainda culturalmente preconceituosa, no que tange a temas mais polêmicos, como a questão de gênero. Acredita-se, de certa maneira, que seja o reflexo da visão que seu grupo social tem sobre o assunto. Se as pessoas que estão em contato com os alunos tendem a ter uma opinião negativa sobre gênero, consequentemente, poderão influenciá-los.

Apesar de se estar no século XXI, percebe-se que ainda permanece a cultura de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar, e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente. Isso acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — e justificar — a desigualdade social. Gomes R. (2008), com relação à definição de gênero, refere-se a papéis socialmente construídos e a definições e

expectativas – consideradas apropriadas por uma sociedade – para o ser homem e o ser mulher.

Scott (1995) enfatiza a necessidade de entender a relação do gênero entre os sexos, mostrando como a sociedade cuida para que as mulheres sejam castas e passivas e os homens dominantes ativos, pois o gênero seria apenas uma definição de macho e fêmea, ou seja, homem e mulher, porém, devido à cultura social, eles são titulados a serem de certas formas prejudicadas e que interfere, principalmente, a sua hierarquia social.

Isso ficou bem explícito nas redações. Embora os autores das redações tivessem uma visão clara de que essa diferença é algo irrelevante e que homens e mulheres têm os mesmos direitos e podem fazer as mesmas atividades, ficou claro que isso ainda não ocorre, devido a estigmas marcados pelo convívio entre indivíduos que relutam em perceber que todos têm as mesmas oportunidades, mesmo possuindo diferenças sexuais.

## **CONCLUSÃO:**

A língua escrita foi determinante para traçar as relações entre as unidades lexicais que compõem as redações elaboradas por estudantes do ensino básico de uma escola municipal pertencente ao município de Votuporanga-SP e a questão de gênero que permeia o universo desses alunos. Para tanto, essas produções foram essenciais para a elaboração de um *corpus* processado, posteriormente, por meio das ferramentas do programa WordSmith Tools, da Linguística de Corpus.

Esses caminhos foram baseados em pesquisa bibliográfica e de campo, com a solicitação de produção textual por parte dos alunos da instituição. Para quantificação e posterior análise das produções textuais dos alunos, adotou-se o instrumental da Linguística de Corpus.

As análises realizadas, por fim, possibilitaram compreender que os autores das redações conhecem a diferença entre gêneros e que homens e mulheres têm os mesmos direitos e podem fazer as mesmas atividades. No entanto, isso ainda não ocorre com plenitude, devido a estigmas marcados pelo convívio desses

discentes com indivíduos que relutam em perceber que todos têm as mesmas oportunidades, mesmo possuindo diferenças sexuais.

## REFERÊNCIAS

AGACINSKI, Sylviane. **Política dos sexos**. Tradução de Marcia Neves Teixeira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BERBER SARDINHA, Tony. **Lingüística de Corpus**. Barueri (SP): Manole, 2004a.

BLEICHMAR, Silvia. **Paradojas de la sexualidad masculina**. Buenos Aires: Paidós, 2009.

BRASIL. **Gênero e diversidade sexual na escola**: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Cadernos Secad 4. Brasília: Ministério de Educação, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, v. 10.5. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: MEC/SEF, 2005.

BRITO, Rosemeire dos Santos. **Significados de gênero do fracasso escolar**: quando os modelos polares de sexo não são suficientes. 2004, 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CANEN, Ana; XAVIER, Giseli Pereli de Moura. Multiculturalismo, pesquisa e formação de professores: o caso das diretrizes curriculares para a formação docente. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 48, p. 333-344, 2005.

CARLOTO, Cássia Maria. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 3, n. 2, p. 201-213, 2001.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: a Girafa, 2006.

GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. Discurso e gênero: uma questão de identidade. In: GHILARDI-LUCENA, Maria Inês; OLIVEIRA, Francisco de. (Orgs.). **Representações do masculino**: mídia, literatura e sociedade. Campinas: Alínea, 2008. p. 13-20.

GOMES, Romeu. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

KORIN, Daniel. Nuevas perspectivas de género em salud. **Revista adolescência Latinoamericana**, 2 (2), 67-69, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

PARTINGTON, Alan. **Patterns and meanings**. Using corpora for English language research and teaching. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998.

PATRÍCIO, Daniela Silva. **Educação e gênero**: uma discussão para além da inclusão igualitária. Disponível em: <http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/CC06.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2014.

SCOTT, John. **Gender on the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1988.

VIANNA, Cláudia Pereira; UNBEHAUM, Sandra. O gênero nas políticas públicas de educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 77-104, 2004.